

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Maio de 1914

Composto e Impreso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1273

Comemoração do Descobrimento do Brasil, em Lisboa



FESTA NO THEATRO DA REPUBLICA

AO CENTRO DO GRUPO O SR. DR. BERNARDINO MACHADO, PRESIDENTE DO GOVERNO,
TENDO Á DIREITA A SR.^a EMBAIXATRIZ E Á ESQUERDA O SR. EMBAIXADOR DO BRASIL



O BAILE NO CLUB BRASILEIRO

AO CENTRO VÊ-SE O SR. DR. REGIS DE OLIVEIRA EMBAIXADOR DO BRASIL

CRONICA OCCIDENTAL

Toma vulto de realidade, a afirmação de esperança e crença no resurgimento patrio, que neste mesmo lugar, ha breves dias, annunciámos... Nesta hora dubia, a face do horisonte velou-se de penumbras. E assim não será deslumbro de visionario, vêr sombras de vida num crepusculo que muitos acreditam de poente e morte? Tenhâmos fé. A fé salva. A fé revigora o esforço. A fé ergue-nos na eternidade.

A vida vem ao nosso encontro. Se é a morte que chega — recebâmol-a, de mão armada, prontos a disputar-lhe, passo a passo, a ultima nesga de terreno. Sobre o coração comovido da nacionalidade, façâmos o nosso juramento de lealdade. Tomemos um compromisso de honra. Que nossos actos e gestos sejam depoimentos de sinceridade.

Ante a patria dolorosa, é promessa nossa dar-lhe até ao derradeiro glóbulo vermelho de vitalidade.

E' isto que nós pensamos — e atrás de nós segue a mocidade recémvinda das escolas-superiores...

Começou de publicar-se em Coimbra uma Revista de filosofia política — *Nação Portuguesa*. Todo o seu programa que expõe, sem hesitações, nas primeiras paginas, é uma demonstração de coragem civica e de energia de espirito. Traz no olhar a experiencia dolorida de seculos, a inquietação da actualidade, e a esperança redentora no futuro. Essa esperança eleva-se, em nebulose, de todas as almas, e tonalisa-se de luz na sua nitida convicção. Retempera-se em vigôr dentro de nós, e reduz-se, a intensificar-se, no desejo de sermos irredutivelmente portugueses.

E' esta a finalidade. O processo é vário.

Colocados, por fatalidade, entre a ambição de imperialismo de Afonso XIII e a ganancia das potencias maximas, não sabemos, de futuro, se tornaremos a ser grandes, como dantes eramos, ou permaneceremos minimos, como agora somos: por certo, anima-nos a esperança de que seremos, succêda o que succeder, portugueses irredutivelmente. Sobretudo, esta Revista é, pois, uma iniciação. O movimento social que representa, corresponde a uma necessidade intrínseca da nacionalidade. Assim, a sua intencionalidade estava, em escôrço, ha tempos, gizada nas laudas da *Cronica Occidental*.

«Para o nosso mal, se ha remedio possivel, apliquemol-o com firmeza. Coordene-mos inteligentemente os vestigios do passado. Olhemos com lucidês e simplicidade a curva sinuosissima que a nossa nacionalidade percorreu tempo em fóra. Investiguemos dos seus desvios, dos seus erros, das influencias aberrativas que num determinado momento actuaram nela e forçaram-na a perder-se fóra da linha fundamental da sua indole primitiva. Saibâmos precisamente de quando fóra quebrada a tradição e estilizado o traço caracteristico de exotismo extravagante. Reintegremos em si propria a nacionalidade. Abandonemol-a á corrente da sua civilização. Acomodemol-o á marcha do seu progresso.»

Sem duvida, neste sentido pretende actuar a *Nação Portuguesa*. Regressemos

ás fontes originarias da nacionalidade e sigâmol-as ininterruptamente, sem quebra de desvios incidentaes perturbadores, nem desváiros de ideologismos cosmopolitas. Os fundadores desta Revista concorreram, de diferentes pontos-de-partida, por meios diferentes, a este fim unico. Sociologos — guiaram-nos as conclusões ultimas da sciencia. Literatos — dirigiram-nos, num estremunho de entusiasmo, as exigencias clamorosas da nossa Historia, e condão de graça e maravilha da nossa Arte.

Oliveira Coelho foi condenado pela justiça inglêsa á pena ultima. Que feia acção de monstro realisou esse pobre-diabo? Como pode encontrar-se envolvido um mísero compatriota nösso nas malhas estreitas e tensas da justiça inglêsa? O caso é simples. A bordo do navio inglêz *Desado*, ia de longada do Funchal para terras do Brazil, mail-a a sua companheira de infortunio. A femea tinha visagens de formosa, momices de sedução e uma levandade de procedimento perturbadora. Oliveira Coelho viu-a algures e ele que nunca dera provas de bom tino, apesar de não ser absolutamente falível em bom-gosto, relacionou se de prazer intimamente com ela. Da viagem ultima, o mísero amante sente se iludido e traído ignominiosamente e num impeto de alucinação e desfôrço exigido por honra assassina a mulher. Ora o crime foi praticado, assim, num paquete inglêz, mas já em derrota nas aguas brasileiras; o comandante, corretamente, delicadamente, entrega o desventurado nas mãos do consul português em terras de Santa-Cruz, que, segundo aventam, por uma tonteria abstrusa, lhe recusa abrigo e protecção.

Neste caso, o comandante, sem desmanchar, de leve, a linha de correcção que se impôs, condul-o impassivelmente a Liverpool onde o assassino infeliz é julgado conforme o codigo penal inglêz.

Logico — simplesmente logico.

O inglêz que é, pelo visto, pouco exigente em materia de honra passional, não reconheceu na questão circunstancias dirimentes e cõdenou-o implacavelmente á pena capital.

Eis o caso simples e famoso.

Nós não acreditamos que a sentença condenatoria seja efectivada. A efectivarse, haveria um ataque directo ao coração desta pobre nacionalidade, que, ha muito tempo, aboliu dos seus codigos a pena de morte. O indulto não se fará esperar. Altas influencias se têm movido. O nosso governo não descurou o assunto. A Liga dos Direitos do Homem promoveu uma intensa propaganda a favôr desse desgraçado-de-amôr. Os nossos irmãos queridos de Além-Atlantico, erguem as mãos em suplica á magnanimidade piedosa de Inglaterra.

Por dias sucessivos, estiveram patentes no palacio de Belas-Artes as provas do concurso para o monumento ao Marquês de Pombal. O publico acorreu pressuroso e curioso. Dissemol-o já, o primeiro premio foi conferido á maqueta dos arquitetos srs. Adães Bermudes e Antonio Couto, e esculptôr sr. Francisco dos Santos, maqueta que tinha esta legenda sugestiva e pretençiosa — *Gloria progressus... delenda reactio*; o segundo premio foi adjudicado á

maqueta do arquiteto sr. Marques da Silva e esculptôr sr. Alves de Sousa, maqueta reconhecida por uma legenda humilima — *Cuidar dos Vivos*. Acerca da decisão selectiva dum juri, agitam-se discussões violentas...

Em verdade, na opinião de gente autorizada, o segundo projecto premiado é, incontestavelmente, o melhor. Pela simbolização, harmonia de traço, energia de atitudes, magnitude e analyse historica — o segundo projeto sobleva.

O que é certo é que as opiniões contrarias não são excepcionalmente numerosas. Os disertos apologistas do projeto do sr. Adães clamam, num apêlo ultimo de defeza, que a realização do segundo projeto excederia em dispendio a verba orçamental adquirida.

Por certo — é assim.

Permitam-nos uma pergunta breve. Já considerações financeiras podem influir na decisão dum juri que só deveria seguir por norma a orientação dum criterio de arte?

Nesse caso, colocassem fóra de concurso a maqueta dos srs. Marques da Silva e Alves de Sousa... Assim como assim, não pretendam alevantar ao Marquês um monumento, se não podem tornal-o relevantemente condigno.

ANTONIO COBEIRA.



Comemoração do descobrimento do Brasil em Lisboa

Comemorando o descobrimento das terras de Santa-Cruz, e celebrando o facto que significa a elevação da legação brasileira em Lisboa á categoria de embaixada — efectuou-se, no Teatro da Republica, domingo, dia de sol e flôres, 3 de Maio, pelas 14 horas, uma sessão festiva que mais estreitou os laços de amizade que ligam, num cordealplexo, Portugal e Brasil. A ovação calorosa feita ao embaixador do Brasil, sr. Regis d'Oliveira, bem no confirma á evidencia.

O sr. dr. Bernardino Machado iniciou a serie dos discursos. Presidente do ministerio e primeiro embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, melhor que ninguem, exprimiu, em termos relevantes, a amizade fraterna que por esse pais d'além Atlantico dedicadamente sentimos.

O sr. dr. Regis d'Oliveira, soube agradecer, em nome do governo brasileiro, efusivamente, a manifestação veemente de simpatia que lhe tinha sido consagrada. Terminou por erguer um viva a Portugal. Os aplausos estrugiram estrepitosos por todo o vasto recinto. A sua ex.^a e esposa fóram ofertados lindissimos ramilhetes de rosas e cravos. Ao antigo ministro e senador brasileiro, sr. Serzedelo Correia, tambem foi feita uma entusiastica saudação.

Muitos outros oradores, ergueram a voz amiga, em honra do Brasil, comovidamente aplaudidos. O sr. Faustino da Fonseca disserta sobre o facto historico, avocando para Portugal a gloria da descoberta da America. O sr. dr. Antonio Macieira, ex-ministro dos negocios estrangeiros que criou a embaixada portuguesa no Brasil, prestou á nação irmã as mais sentidas homenagens.

Ainda o sr. ministro da justiça dirige palavras de carinho e entusiasmo á nacionalidade d'Além-Atlantico.

E por fim, o sr. dr. Alexandre Braga fala... E a sua palavra, unvida de encantamento, ergue-se, enternecidamente, num arrôbo de esperança, á patria estremecida e á nação brasileira...

A breve trecho, resôam por tuda a sala, aplausos frementes e repetidos.

No Club Brasileiro, organisou-se, com brilhantismo inexcédível, um baile oferecido a Madame Regis d'Oliveira e seu marido, illustre embaixador do Brasil. Tocou o sexteto Moraes Palmeiro.

Nas salas e jardim do Club, vistosamente iluminado a luz electrica, viam-se as personalidades mais altamente consideradas na colonia brasileira.



Jovens pastores amorosos

Coleção Moreira Freire

NEVANDO

A' minha irmã.

ÀO duas fontes tuas mãos divinas,
Há muito tempo sêcas e caladas,
São os teus dedos gotas muito finas
Nessas fontes de amor, cristalisadas...

São os castelos onde habita a Neve,
Ameiados, altivos, arrogantes,
P'ra que ninguém um beijo a êles leve,
Lá estão os dedos, guardas vigilantes...

Quem sabe se os teus dedos não são velas,
E as tuas mãos, tímulos feiticeiros,
Onde está sepultada a minha fronte.

Mas não... As tuas mãos são caravelas,
E os teus dedos são brancos marinheiros
Olhando atentos para o horizonte...

PELO MUNDO FÓRA

A visita do rei Jorge V e da rainha Mary, de Inglaterra, á capital da França, despertou extraordinario enthusiasmo entre os dois povos que acabam de celebrar o decimo anniversario da *entente cordiale*, realizada por Eduardo VII, que na historia foi cognominado o *peacemaker* (fundador da paz). A cidade de Paris encheu-se de galas para receber os sympathicos visitantes, aclamados por toda a parte, ao som do *Gode save the King* e *Vive le roi!*

Era curioso vê a *Union Jack* (bandeira inglesa) ao peito das damas francêsas, que á porfia pretendiam manifestar o seu contentamento pela presença dos soberanos do Reino Unido.

O rei de Inglaterra, entre muitas provas de affecto pela França, ordenou que se restituissem a esta nação cinco medalhões de alto valor que estavam no seu *Castello de Windsor* e que haviam sido adquiridos pela rainha Victoria. Esses medalhões datam do seculo XVII e fizeram parte da decoração da estatua de Luiz XIV. E' trabalho de artistas de fama: — o escultor *Jean Arnould*, e o fundidor *Pierre Le Nègre*, dirigidos pelo celebre pintor *Pierre Mignard*.

Outro acontecimento que produziu certa agitação na França foi a eleição da nova câmara, cuja composição não soffreu alteração sensível, a não ser no grupo socialista, que viu augmentado o numero de representantes. Ficou garantida a *lei dos tres annos*, cujos defensores foram reelêitos, contando-se entre os principaes os srs. *Barthou*, *Briand*, *Millerand*, *Klotz*, *Le-tèvre*, *Joseph Reinach*.

Sensacional foi a reeleição por *Mamères* do deputado *Joseph Caillaux*, cuja esposa matou ha pouco o jornalista *Calmette*, e que muita gente suppunha havia abandonado a politica de vez.

As feministas francêsas fizeram um ensaio geral de eleições, iniciadas por *Le Journal* que, para esse fim, estabeleceu verdadeiros centros eleitoraes onde as damas foram depôr as suas listas em que se lia apenas: *Voulez-vous voter?* Contaram-se 122:572 votos, o que, adoptando o systema da representação proporcional, seria sufficiente para levar á camara 20 deputados de saias. Para alguma coisa serviu pois a tentativa — *le vote blanche*. As eleitoras recrutaram se principalmente nos bairros populares, entre commerciantes e operarias. Algumas pertenciam ás classes abastadas e apresentavam-se de automovel ou de carruagem, em toilettes estonteantes. Mulheres do povo com os filhos ao collo e acompanhadas dos maridos iam da mesma fórma afirmar os seus pretendidos direitos de eleitoras.

Quasi á mesma hora as suffragistas inglesas organizavam uma ruidosa manifestação no *Hyde Park*, em Londres, a favor das reivindicações que teve por porta-estandarte a celebre agitadora *Mrs. Pankhurst*.

Nos ultimos dias d'Abril perdeu a França dois homens eminentes. O diplomata *Jose Paulo Revoil*, que foi ministro da França

em Tanger e na Argelia, e embaixador em Berne. No ministerio de Combes foi Revoil exonerado de suas funcções por ter mostrado sympathia pelos frades car-tuxos.

O ministro dos negocios estrangeiros *Rouvier*, porém, reparou-a injustiça encarregando *Revoil* de continuar com *Rosen* e *Tattenbach*, diplomatas allemães, as negociações sobre a reunião da conferencia marroquina que, a convite do governo espanhol, se realizou em *Algeciras*. Em 1906, ministro em Berne, foi encarregado da revisão da *Convenção de Genebra da Cruz Vermelha*. Esteve muitos annos em Madrid exercendo grande influencia na politica marroquina do governo francês. Foi depois para *Constantinopla*, como director geral do *Banco Ottomano*. No seu castello de *Servanes*, verdadeiro museu de arte romana, occupou-se de agricultura e orgulhava-se de colher o melhor azeite da *Provença*.

O sabio *Wilfrid de Fonvielle*, decano dos aeronautas francêses, era uma gloria nacional. Nasceu em Paris em 1824, tomou parte na revolução de 1848 e foi deportado para a Argelia, apoz o golpe de Estado de 1851. Regressando a França, publicou algumas obras de vulgarização scientifica consagrando-se á aerostação e realizando ascensões que ficaram celebres. Entre as suas muitas obras devem especializar-se: — *Les merveilles du monde invisible* (1865), *Astronomie moderne* (1868), *La conquête de l'air* (1874), *Aventures aériennes et expériences memorables des grands aéronautes* (1876), *L'Electricité et les ballons* (1881), *Les Dramas de la Science* (1882), *L'Espion aerien* (1884), *Le Pôle Sud* (1888), *Le Siège de Paris* (1895).

Em Inglaterra falleceu *Sir Edwin-Durning-Lawrence*, que se tornou notavel pela campanha a favor de *Bacon*, como pretendido auctor das obras attribuidas a *Shakespeare*. O seu livro — *Bacon is Shakespeare*, publicado em 1910, produziu natural alvoroço no Velho e no Novo Mundo, porque os argumentos adduzidos por *Durning-Lawrence* baseavam-se em documentos de difficil interpretação. Apesar das suas duvidas e criticas, o nome de *William Shakespeare* ergue-se cada vez mais grandioso e genial. *Sir Edwin*, filho de um carpinteiro de *Cornwall* adquiriu enorme fortuna, sendo homem de vasta cultura. Na camara dos *communs* era notado pelo seu saber e pelo seu chapéu de sêda cujo valor attingia 30 libras. *Sir Edwin* publicou em 1912 um folheto — *The Shakespeare Myth*, de que se tiraram 300:000 exemplares!

Fallecido aos 78 annos, não permittiu o Destino que *Sir Edwin* assistisse á celebração do terceiro centenario da morte de *Shakespeare*, e nem ao de *Bacon*, que a *Academia Britannica* vae realizar em 1916.

O governo inglês está seriamente preocupado com o desembarque de 80:000 espingardas e 5 milhões de cartuchos que entraram na Irlanda, para serem distribuidos pelos voluntarios. O desembarque fez-se rapidamente em *Larne*, a 25 milhas de *Belfast*. Os voluntarios cortaram todas as

communicações, cercaram o porto e, com 600 automoveis, distribuíram o armamento desembarcado com toda a presteza e cautela do supposto *Mountejoy*, viudo da *Allemanha*. Dirigiu a manobra o grande agitador *Sir Edward Carson*, a alma de todo o movimento contra o *Home-rule*, auxiliado pelo *Capitão Craig*. Este, pouco depois, disse: — *Estou sempre disposto a deixar-me prender, se assim o entenderem. A organização do Ulster está completa e perfeita. Se Sir Ed. Carson e eu formos presos, não haverá o menor transtorno para o movimento.*

O *Mexico* attrae as atenções de todos, que mais ou menos tem seguido o duello entre *federaes* e *constitucionalistas*, ou sejam os partidarios de *Huerta* e de *Caranza*.

Os *Estados Unidos*, que nunca reconheceram *Huerta*, por o accusarem de cúmplice do assassinio de *Madero*, acharam azado o momento para se desforrarem, invadindo o territorio mexicano e apodegando-se das alfandegas *Tampico*. Era aqui que se concentrava o esforço dos revolucionarios. *Tampico é o porto dos petroleos*; o seu desenvolvimento data de ha poucos annos, mas é verdadeiramente prodigioso, devido á exploração dos poços petroliferos, que ali abundam e que, como em tempo aqui declarámos, são a causa primaria de toda a embrulhada mexicana. Mais uma vez se verifica o facto de que a guerra tem por origem sempre um factor de ordem economica. Companhias americanas e inglesas exploram os jazigos de petroleo. *Huerta* é repudiado pelos americanos, que apoiam o movimento constitucionalista, contrariado pelos ingleses.

O presidente *Wilson* permittiu a acção da esquadra americana para que se desse satisfação a uma offensa dos mexicanos. O movimento alastra-se, e assignalam-se algumas mortes. A Europa alarma-se. Apparece antão uma proposta de intervenção no conflicto, em que, invocando a doutrina de *Monroe*, os *Estados Unidos* se prepararam para absorver o *Mexico*.

A *Argentina*, o *Brazil* e o *Chile*, unidos num esforço commum e para contrabalançar o impulso norte americano, constituíram-se num grupo agora designado por *A. B. e C.*, offerecendo-se para uma mediação. Esta idéa foi enthusiasmicamente recebida por toda a *America latina*.

Em *Bruxelas*, as colonias sul americanas, organisaram uma grande manifestação, em que se pronunciaram discursos contra a attitude dos *Estados Unidos*, nesta questão, afirmando a solidariedade das republicas latinas da *America*.

Entanto, de *Washington*, já informam que os mediadores se encontrarão em *Niagara Falls*, a 18 deste mez, com os representantes dos *Estados Unidos* e do *Mexico*.

Ha cerca de um seculo que os *Estados Unidos* exercem uma especie de tutela sobre o resto da *America*, em virtude da doutrina de *Monroe*. Em 1823 *James Monroe* declarou que os *E. Unidos* — de que elle era o presidente — não tolerariam d'ahi para o futuro nenhum ataque, nenhuma interferencia da Europa no continente americano. Os *E. Unidos* tomavam

assim sob a sua protecção os *Estados da America Central e Meridional* que iam um apoz outro proclamando a sua independencia da Espanha e de Portugal. Toda a nação europeia que procurasse opprimir esses povos ou pôr entraves aos seus destinos teria que se haver com os E. Unidos — dizia Monroe. Essa doutrina não consta de nenhum tratado, não tem fundamento juridico e nunca foi reconhecida pela Europa. A offerta de mediação A. B. C. na lucta *mexicana-yanke* é uma affirmação eloquente e nova da solidariedade dos Estados da America latina contra o colosso que com sua potente esquadra esmaga entre dois oceanos o anarchico Mexico, em cujo seio jazem incalculaveis riquezas.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Helioterapia

(Cura pelo Sol)

(Concluido do n.º antecedente)

A reunião das acções benéficas ao mesmo tempo do ar e da luz do sol, acha-se modernamente realizada, como método de cura, em Hyères, no hospital Sabran e no Instituto Marítimo. Para muitos enfermos a cura solar é de inestimável efeito e sobrepõe-se á cura marítima ou substitui-a de todo. As suas applicações ao tratamento das tuberculoses locais e gerais estão julgadas, mas não perfeitamente conhecidas do vulgo, mesmo do vulgo medico, das pessoas ilustradas e pouco ao alcance da gente do povo, sobretudo da população juvenil, muitas vezes subtraída á acção relevante da luz, ou sujeita ao uso forçado e improprio de banhos de mar, em vez de tirar proveito do tratamento aereo e luminoso, pelo banho de Sol, evidentemente proficuo.

São particularmente as formas locais de tuberculose, ossea e articular, aquelas que mais beneficiam deste genero de terapeutica, que melhor se pôde em pratica no sanatorio de montanha e nas estações marítimas meridionais. Dele aproveitam o estado geral e as lesões localizadas, que são assim directamente expostas ao agente da cura. Nos convalescentes é a luz do Sol um excitante indispensavel, para uma reabilitação completa. Tambem nas tuberculoses ganglionares, de qualquer ordem, ela opéra maravilhosamente. O raquitismo e a escrofula, assim como o reumatismo (tuberculoso ou outro) igualmente melhoram sob a acção da luz, empregada por diversas maneiras.

Não é facil resumir em duas palavras o modo como o agente luminoso opéra nos organismos. E' certo que ele exerce uma acção geral e local. A luz solar é um microbicida por excelencia, principalmente pela sua riqueza em raios quimicos e de influencia biologica importante (azuis, violetas e ultra-violetas), destruidores dos microorganismos causadores da doença e dos elementos morbidos (tuberculoses fungoi-

des, canceroses). Além disso a luz activa as combustões organicas e constitue portanto um tonico por excelencia dos organismos debilitados por qualquer causa. A luz solar é analgesica; o desaparecimento da dor é muitas vezes o primeiro sintoma apreciado nos doentes sujeitos á insolação terapeutica.

Em pouco tempo o elemento doloroso desaparece por completo.

Finalmente, a luz do Sol é eliminatória e resolutiva, operando a saída das porções de tecido morbido, que devem ser expulsas e manifesta estoura qualidade, no amolecimento e desapareção de adenites, peritonites, osteo-artrites. D'ahi, a formação de tecido cicatricial, seguidamente á eliminação de elementos necrosados é um facto geralmente observado, fornecendo cicatrizes perfectas e pouco apparentes.

Não nos podemos referir neste lugar a pormenores de teoria e de tecnica das applicações da luz; porém não concluiremos sem dizer que as estatisticas de Malgat, de Nice; de Rollier e de Exchaquet, de Leysin; de Meyer (sanatorio do Monte Branco), de Siling, de Røederer e muitos outros, á porfia, revelam casos de uma sugestão imperiosa, que reduziriam os mais incrédulos, se os pudesse haver, ácerca de uma norma de tratamento que já tem a sua reputação feita, contra a ineficacia de muitos remedios internos, que a farmacia, sempre excessivamente productiva, derrama incessantemente no mercado e cuja falencia está na razão directa da sua superabundancia. Assim é notavel o caso de uma mulher de 42 anos, com tuberculose do sacro e dos iiacos, a qual recebera 75 punções em 2 anos e que aumentou 17 kilogramas e se curou completamente, retomando as suas occupações (Rollier); assim como o de outra, sofrendo de coxalgia, com 6 fistulas, durando já havia anos, as quais se fecharam, conseguindo-se a restituição funcional.

Como estes, muitos outros casos interessantes poderíamos citar, semelhantes a outros que nos hospitais e casas particulares gemem uma desdita, na apparencia interminavel e que, submetidos á cura helioterapica, teriam muito provavelmente a sua solução mais regular e aceitavel, se dispuzessemos de sitios apropriados e pudessemos empregar a tecnica, ao mesmo tempo rigorosa e simples, que este processo natural comporta, para alcançar os resultados mais estaveis e porventura mais brilhantes, no tratamento das afecções de natureza rebelde e refractaria aos meios terapeuticos usuais.

J. BETTENCOURT FERREIRA.

Da Academia das Sciencias



ROSARIO PINO

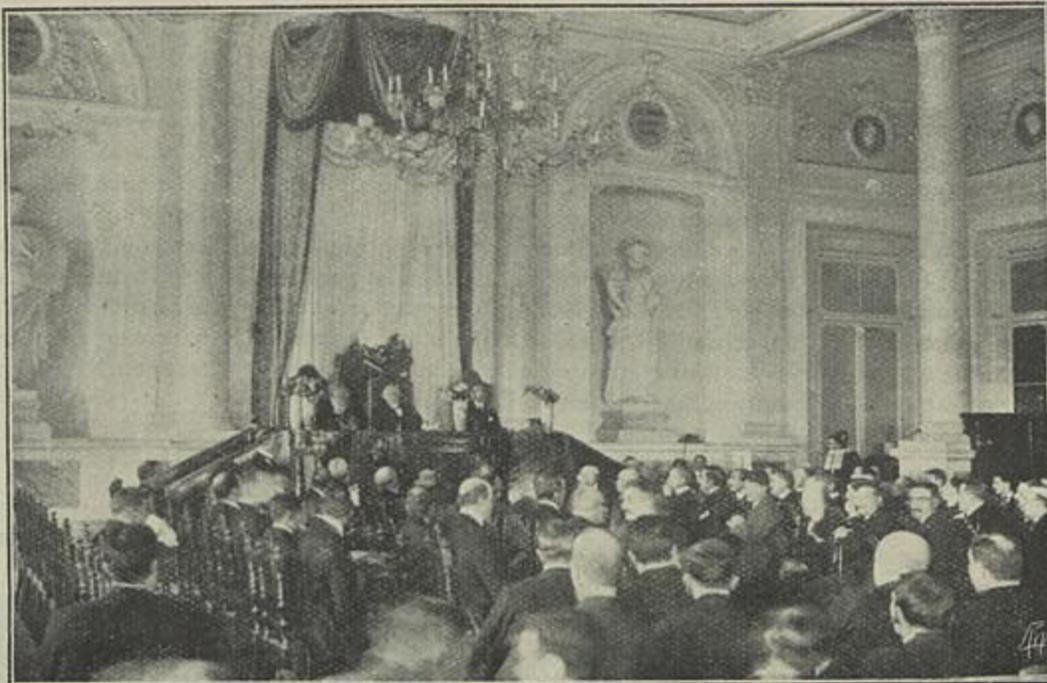
Rosario Pino, a notavel actris espanhola, a melhor interprete das obras de Benavente e irmãos Quintero, está representando com aplauso no Teatro da Republica. Em derradeira digressão de Arte, fez *étape* de gloria em Lisboa, onde veiu despedir-se, num adeus magoado de saude, dos seus numerosos e fervorosos admiradores.

Congresso das Associações Comerciaes e Industriaes

Pela primeira vez, em Portugal, se organisou e reuniu um congresso das Associações Comerciaes e Industriaes, á semelhança do que, nos países mais cultos, se faz ha muito tempo, reconhecida a indiscutivel importancia e força que a industria e o commercio tem na prosperidade das nações, seu principal elemento de riqueza.

Para o efeito organisou-se uma comissão composta de membros das Associações Commercial e Industrial de Lisboa, tendo por presidente o sr. Carlos Gomes, vice-presidente da Associação Commercial de Lisboa.

Como era de prever, adheriram ao congresso as principaes associações industriaes e commerciaes do país, taes como o Centro Commercial do Porto, As-



SESSÃO INAUGURAL DO CONGRESSO, NA SALA DO TRIBUNAL DO COMERCIO



NO ALMOÇO OFERECIDO PELA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL E INDUSTRIAL DE SETUBAL. O SR. MINISTRO DO FOMENTO DISCURSANDO

sociações Comerciaes Portuense, Lojistas de Lisboa, Coimbra, Castelo Branco, Penafiel, Setubal, Vila Real, Peso da Regua, Caldas da Rainha, Vila do Conde, Guimarães, Beja, Aveiro, Chaves, Esposende, Braga, Valongo, Lamego, Leiria, Povoia de Varzin, Santarem, Vila Nova de Falmicão, etc.

A sessão inaugural do Congresso realisou-se no dia 2 do corrente, na grande sala das audiencias do Tribunal do Comercio, com a comparencia de Sua Ex.^a o Presidente da Republica, que presidiu á sessão, dos srs. presidente do governo, dr. Bernardino Machado, ministro do fomento, dr. Aquiles Gonçalves, governador civil de Lisboa, presidentes e representantes de varias associações commerciaes e industriaes, e grande numero de congressistas.

Decorreu a sessão no meio de grande entusiasmo dos congressistas por verem realisado, por ventura, uma de suas mais fermentes aspirações, na fraternisação das classes industriaes e commerciaes, cujo bom acordo tanto póde influir para o seu reciproco desenvolvimento, riqueza e importancia da nossa nacionalidade, hoje que as conquistas são todas do trabalho, sem

o qual não podem subsistir nações progressivas e respeitadas.

Sobre este ponto essencial versaram os discursos pronunciados pelo sr. Carlos Gomes, presidente da comissão organisadora do Congresso, sr. ministro do fomento, dr. Oliveira Feijão, presidente da União da Agricultura Comercio e Industria, e por fim do sr. dr. Bernardino Machado, presidente do governo, sendo todos os oradores muito aplaudidos pelo auditorio.

Depois desta sessão, foi inaugurada pelo Sr. Presidente da Republica, a exposição de maquinas de escrever e de estenodactilografia, instalada na sala da biblioteca da Associação Commercial de Lisboa.

Esta exposição, bastante interessante, apresentava grande variedade de

maquinas. Na estenografia concorreram os taquígrafos srs. Raul Garces de Bastos, Manuel Reis de Sanches Ferreira, J. Fraga Pery de Linde e Manuel Joaquim da Costa, professor de taquígrafia commercial.

Muito interessante a instalação do sr. Pery de Linde, composta de: taquígrafia parlamentar—ineditos e manuscritos—Bibliografia e historia—Coleção completa das obras publicadas em Portugal (1800-1914)—Obras publicadas no Brasil e em França, em lingua Portuguesa—Trabalhos de J. Fraga Pery de Linde—Propaganda e critica—Pedagogia, etc. Vêem-se tambem varios trabalhos para notar do professor sr. Manuel Joaquim da Costa.

Fazendo parte da organisação deste Congresso, foi inaugurada no mesmo dia, com a assistencia do srs. ministro da instrucção, Marques Leitão, director da Escola Marquês de Pombal e pintores srs. João Vaz e Trigo Falcão, respectivamente directores das Escolas *Afonso Domingues* e *Pedro Nunes*, a exposição de trabalhos das escolas commerciaes e industriaes, achando se representadas as seguintes: *Brotero*, *Pedro Nunes*, *Marquês de Pombal*, *Afonso Domingues*, *Machado de Castro*, *Fradesso da Silveira*, *Gil Vicente*, *Vitorino Damasio*, *Medico Sousa* e *Josefa de Obidos*. Escolas particulares tambem concorreram, como a de Raul Doria, do Porto, Escola Academica, Colegio Arriaga, Ateneu Commercial, Colegio Nacional, Pensionato Artiaga, Instituto Pratico de Comercio, Escola Pratica de Comercio e Casa Pia de Lisboa.

Esta exposição, instalada no salão do teatro de S. Carlos, tem sido muito visitada e apreciada pelo publico.

Por meio destas exposições conseguiu o Congresso pôr o publico mais a par dos progressos do ensino commercial e o quanto



CONGRESSISTAS VISITANDO A PROPRIEDADE AGRICOLA DO SR. ANTONIO SOARES FRANCO, EM AZEITÃO

OS AÇORES — Jardins do Atlantico

esse ensino é importante para uma classe em que o mesmo tem sido tão descuidado.

Mas da importancia deste congresso diz o programa dos assuntos que o mesmo se propoz tratar e discutiu nas suas sessões até o dia 7 ultimo do encerramento.

Eis o seu registro :

Legislação comercial (1.^a secção) — Alterações á legislação vigente; Letras de cambio e direito internacional das mesmas; Valorisação do cheque e sua unificação; Liquidação de falencias; Juri comercial; Pequenas dividas; Obrigatoriedade da escrita; etc.

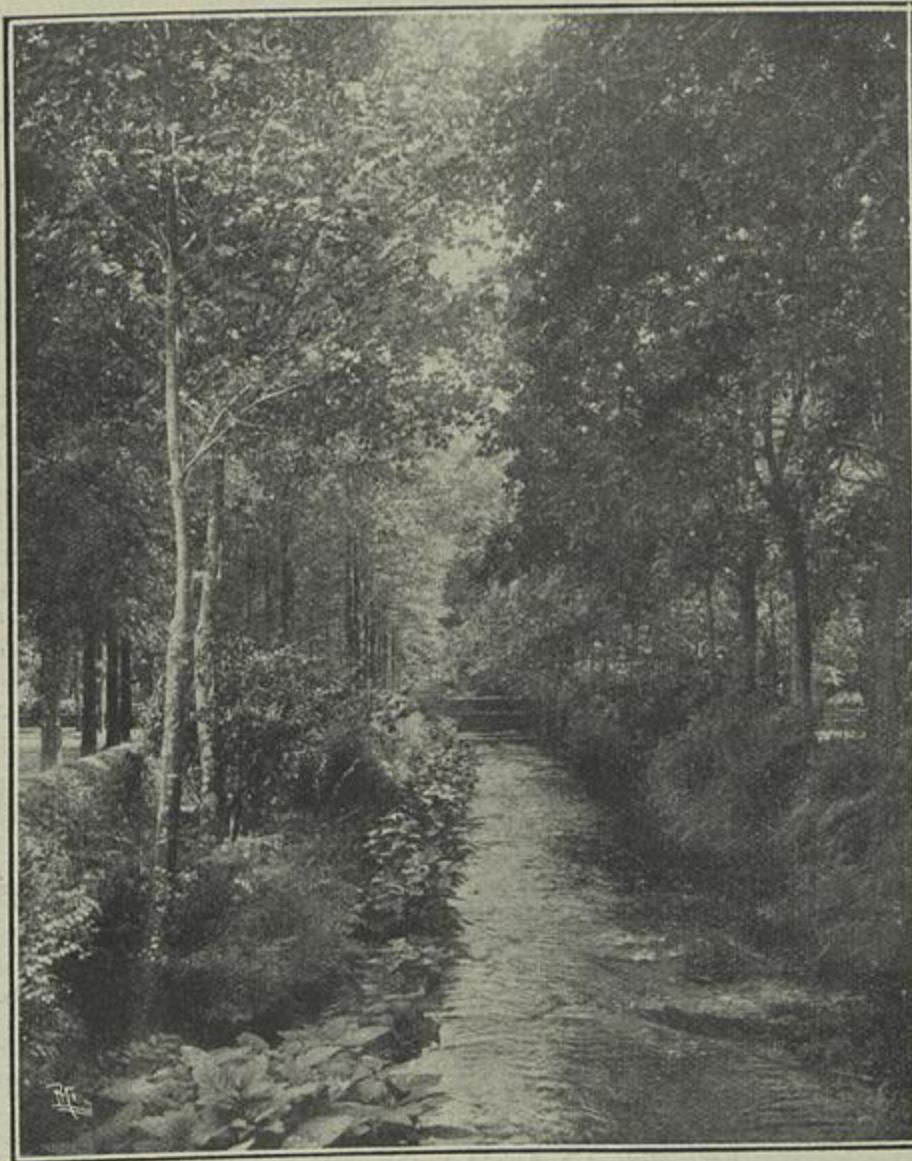
Vias de comunicação (2.^a secção) — Transportes terrestres, fluviaes e maritimos; Viação ordinaria; Correios, telegrafos e telefones; Tarifas internacionais; Portos comerciais; etc.

Alfandegas (3.^a secção) — Drawbacks, importações temporarias, regimen de entrepostos e zonas francas; Limite de isenção de direitos para pequenas importações; Importações interditas; Contestações; Analises; Armazenagens; Pautas preliminares e indices remissivos; Responsabilidade das alfandegas para com o publico; Despachos por declaração e por verificação etc.

Navegação (4.^a secção) — Costeira, interior e de longo curso; Formalidades alfandegarias para a navegação costeira, etc.

Impostos industriaes (5.^a secção) — Sua unificação; Inquerito industrial; Licenças e contribuições, etc.

Política economica (6.^a se-



RIBEIRA DO PARQUE DAS FURNAS

ccção) — Concorrenca comercial; Tratados e convenções comerciais; Modus vivendi para o canal do Panamá; Adidos comerciais junto das legações; Agentes e representantes comerciais no estrangeiro; Funções do Comercio e da Industria junto da Agricultura; Papel primacial do Comercio no desenvolvimento e progresso do país e sua acção benéfica nas relações internacionaes; Turismo.

Vida associativa (7.^a secção) — Associações comerciais ou camaras de comercio; Representação directa do Comercio e da Industria nas conferencias e congressos internacionaes economicos; Federação das Associações de caracter economico, etc.

Ensino profissional (8.^a secção) — Caixeiros viajantes; Papel das Associações de classe no ensino profissional; Curso consular; Curso aduaneiro; Estenografia no comercio; Linguas convencionaes; Escolas moveis comerciais e industriaes; O ensino primario e a preparação profissional; Organização do ensino industrial elemental; Organização do ensino comercial elemental, médio e superior, etc.

Reunindo o util ao agradável, os organizadores do congresso prepararam varias diversões aos congressistas, as quaes se realisaram em dias sucessivos intercalando com os trabalhos das sessões, na Sociedade de Geografia, na qual foram os congressistas recebidos em sessão solene presidida pelo sr. Braamcamp Freire, que pronunciou um discurso apro-



CALDEIRAS DAS FURNAS — Veja artigo a paginas 128 do n.º 1291
(Clichés do Salão Hig-Life de M. J. de Matto)

priado historiando a influencia do commercio portuguez desde a idade média no concerto mundial, até o Marquês de Pombal que o levantou do abatimento a que chegara, congratulando se por fim com a obra do congresso como a da melhor politica para o resurgimento do país.

Aplausos unanimes acolheram as palavras do sr. Braamcamp, que se identificavam com o sentir de todos.

A primeira das diversões realizadas foi a do passeio a Setubal, Palmela e Azeitão, no dia 3 de manhã, sendo recebidos os congressistas pela Associação Commercial de Setubal, que lhes offereceu um almoço e ao sr. ministro do fomento, que presidiu e discursou sobre a necessidade do trabalho que é hoje o grande ideal dos povos que avançam no caminho do progresso, sendo pelo trabalho intelligente e bem ordenado que Portugal resurgirá para o concerto universal. Neste almoço fizeram tambem uso da palavra o sr. presidente da Associação Commercial e Industrial de Setubal, o sr. dr. Oliveira Feijão e o sr. Albert Macieira.

Depois do almoço realisou-se a visita a Palmela e a Azeitão onde os congressistas estiveram na grande propriedade do sr. Antonio Soares Franco.

No Avenida Palacio foi oferecido pela Associação Commercial de Lisboa um almoço aos congressistas, a que assistiram os srs. presidente do governo, ministros das finanças e do fomento, sr. Braamcamp Freire, dr. Levy Marques da Costa, governador civil, etc., constituindo este almoço uma das mais significativas manifestações de confraternização das classes industriaes e commerciaes para os fins a que o congresso se propõe.

Outras visitas se realisaram a escolas e estabelecimentos industriaes que faziam parte do programma.

Terminados os trabalhos do congresso, realisou-se o banquete oferecido pela Camara Municipal de Lisboa que foi mais uma manifestação de apreço aos congressistas e aos seus trabalhos, em que os brindes se trocaram com efusão e se pronunciaram discursos dos srs. presidentes do governo, do municipio, etc., todos entusiasticamente applaudidos.

Que os trabalhos do congresso sejam coroados de resultados praticos é o que ha a desejar e a esperar.

ROMANCE

Victor Deby

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor;
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

V

AS VOZES DO CEGO

(Continuado do numero antecedente)

— Sim, a musica sahio da voz humana, este orgão tão delicado que traduz tão bem os estados da nossa alma. Sem a voz humana a musica não seria nada, a alma não receberia a sua emoção.

— Mas, disse Deneschal, os instrumentos, a orchestra?

— Já esperava essa objecção, mas hade concordar que o instrumento possui pelo menos, um dos elementos encantadores da voz humana. Fóra da linguagem a voz tem uma expressão; onde acaba a palavra começa a musica. Qual de vós, escutando as grandes obras, não sentiu que a musica desperta no coração um bem estar extraordinario? A musica é a arte do coração. Fombreuse, não ha aqui um piano?

O compositor encaminhou Walfram para junto do piano. O cego começou a executar o *Preludio, choral e fuga* de Cesar Franck.

Quando Walfram acabou de tocar esta suggestiva obra, Bunière disse-lhe:

— Gostariamos immenso de ouvirmos uma das suas composições.

— Uma das minhas composições? Pois sim, poderei tocar o *andante* do meu quartetto.

Apoz as primeiras phrases que traduziam uma doce melodia, Walfram teve que parar.

— Não me lembro, impossivel continuar, Fombreuse.

Fombreuse viu duas lagrimas correrem pelas faces do pobre cego.

— Tudo esquecido! Fombreuse acho melhor sahir, desejo estar sósinho, sinto um gelido abysmo na minha alma. Ah! A *Amiga Suprema!*

VI

PELA NOITE MYSTERIOSA

Pelo caminho o pobre Walfram foi contando a Fombreuse toda a historia da sua vida, como tambem a ingratidão de Fabio que lhe cavou na alma uma dôr incuravel.

Tudo que Fabio aprendera era devido a Walfram, desde os rudimentos mais elementares da grande arte, até aos mais avançados problemas de esthetica.

Fabio para o pobre cego era uma sua segunda vida, ambos arrastaram uma existencia de miseria e o pobre organista tudo soffria pelo futuro de Fabio que tão mal lhe pagou!

— Uma vez disse-me elle, poderá procurar outro guia, pois eu vou partir. Estas palavras, meu Fombreuse, nunca mais sahiram do meu coração. A solidão foi horrivel para mim, sómente a musica me poudo dar algumas horas de felicidade. Essa *Amiga Suprema*, vinha junto de mim, conversava commigo, e sómente com ella eu pude dar largas á minha alma de luto. Emfim, Fombreuse sabeis o resto... uma noite partiu e não voltou mais! Porque razão elle me abandonou?! Foi ingrato para quem não via outra coisa! Ah! meu caro, a vida é assim, um rosario de enganos e de dôres.

VII

SYMPHONIA

Quando elle levou Lisbeth antes da entrada do publico para o camarote, Steinbaunn juntou-se com Fombreuse que de baixo das arvores dos Campos Elysios andava passeando.

— Hontem o ensaio correu bem, disse-lhe o gravador.

— Sim, mas vae ser executada depois da symphonia *em dó menor*. Tenho medo.

— Tenha confiança, Beethoven não principiou por fazer coisas notaveis. A sua obra é sincera, quanto basta.

— Isso é.

— Podia compôr melhor?

— De forma alguma.

— Tambem trabalha pela arte ou pelo successo?

— Trabalho por *ella* que não me ouvirá. Cruel destino, n'esta musica puz toda a minha alma.

Chegaram ao theatro, este estava completamente cheio, Anna Le Cozan estava na sua cadeira habitual.

— Como ella está mudada! disse Lisbeth.

— Nem parece a mesma! disse Steinbaunn.

Walfram com Lescourias estavam no promenoir do theatro.

Fez-se silencio. O chefe d'orchestra levantou a batuta para os artistas atacarem os compassos do *allegro com brio* da symphonia em *dó menor*.

Walfram levantou a cabeça e disse.

— Sim, Beethoven comprehendeu bem o Destino. Os instrumentos murmuram as extases da alma. Doçuras e violencias, como esta musica é grande! Beethoven é o Deus do mundo dos sons!

Lescourias não lhe respondia, pois apenas procurava as pessoas conhecidas.

No fim d'um dos andamentos da symphonia a condessa de Rudennis chegou. Trazia as suas amigas mais intimas, como a sr.^a Laurais, a sr.^a Nervillez, etc.

A entrada da Salviane que acompanhava Aunissey fez sensação. Ella ia pouco aos concertos, quando olhou para Cozan cumprimentou-a com um amavel sorriso.

A ordem do programma annunciava *Aaux partes du claitre* de Fombreuse.

Em toda a sala havia uma viva curiosidade em conhecer aquella nova obra do joven compositor.

(Continúa.)

Buddha e Christo

II

A sua doutrina

(Continuado do numero antecedente)

Caridade. — São muitos os rasgos de caridade, ás vezes exagerada, que as lendas attribuem a Buddha, a ponto de se entregar como alimento a um tigre que morria de fome com os seus cachorros. Para inspirar a caridade aos discípulos despojou-os de todo o pensamento pessoal e converteu a sua religião em uma grande ordem de mendicantes. «Os alimentos que o mendicante tiver obtido, — dizia — serão divididos em tres porções, dando-se uma á pessoa que se veja padecer fome, e guardando-se a outra sobre uma pedra, num lugar deserto, para os pássaros e as feras.»

A sua caridade estendia-se até aos animais e por isso tirar a vida a um animal para o sacrificio ou para o alimento, ou mesmo maltratar a mais pequena formiga era pecado.

Egualdade. — Em muitas das suas parábolas insistiu Buddha em ensinar a egualdade humana. «Como os raios do sol e da lua brilham por todo o mundo, tanto para o virtuoso como para o pecador, para o que está alto, como para o que está em baixo... assim são, ó kaxyapa, os raios de intelligencia dos Buddhas. Eu encho de alegria todo o universo, como a nuvem que verte as suas aguas por todas as partes, tanto para os virtuosos como para os máus, tanto para os que seguem as doutrinas sãs e perfeitas, como para os que seguem as heterodoxas e falsas» (1). «Não ha entre um paria e um homem de casta superior a differença que ha entre as trevas e a luz. O bráhmãne veio ao mundo do mesmo modo que o paria. Onde vês, pois a causa que faz que um seja nobre e outro vil?» «O homem não se faz bráhmãne pelo seu cabelo desgrenhado, pela familia ou pelo nascimento. Só aquele que segue a verdade e a justiça é abençoado, só ele é bráhmãne.» «Assim como os rios, depois de desaguardem no mar, se transformam neste e perdem os seus nomes, assim os bráhmãnes, os kxatryas, os veixyas e os sudras perdem os seus nomes quando abraçam a minha Ordem.» Até um Chandála podia fazer-se Buddha pela santidade da vida. Upali e Sanita, patriarchas illustres da Ordem búddhica, eram, aquele um barbeiro e este um pobre varredor dos templos.

«A minha lei é uma lei de graça para todos», respondia Gautama aos brahmanes que lhe ar-

(1) Amai o vosso proximo... para serdes filhos de vosso Pai que está nos ceus, o qual faz nacer o seu sol sobre bons e maus e vir chuva sobre justos e injustos». (S. MATHEUS, V).

guiam a facilidade com que recebia no seu gremio todas as pessoas sem distincção das castas. E esta egualdade abrangia ainda as mulheres, que o brahmanismo tratava como seres inferiores, e que no buddhismo alcançaram posição importante até na jerarchia sacerdotal.

Amor dos homens e perdão das injurias. — «Devemos amar a todos os seres, disse Buddha, porque somos unos com eles. O que odia os seus semelhantes odeia a si proprio. Se fazem mal é por ignorancia e é mister ter compaixão d'elles e illuminal-os». (3) «Vença-se a ira pelo amor, o mal pelo bem. Vença-se o ambicioso pela liberalidade, o mentiroso pela verdade». «O ódio nunca se apaga com o ódio; o ódio apaga-se com o amor». E Buddha prova a verdade d'estas máximas com a seguinte parábola:

Um rei dos Kosalas, tendo sido destronado e condenado á morte por Brahmadata, rei dos Kasis, chamou o seu filho e, dando-lhe a última benção, lhe disse: «Não é com o ódio, meu caro Dighavu, que se apaga o ódio; é com o amor, meu caro Dighavu, que se apaga o ódio». E o príncipe órfão tendo chorado por muito tempo a perda dos pais, conseguiu, pelo canto e toque de flauta, captar as graças de Brahmadata, que o empregou nas suas estrebrias, sem o conhecer. E aconteceu que um dia tendo ido os dois para a caça, o rei, fatigado, descansou, repousando a cabeça no seio de Dighavu e adormeceu.

Então Dighavu, lembrando-se de que era este rei a causa da sua desgraça desembainhou a espada para se vingar; mas viu lhe á memoria o derradeiro conselho do pai — «Não é com o ódio que se apaga o ódio» — e tornou a meter a espada na bainha perdoando ao rei o seu crime e poupando-lhe a vida.

E quando Brahmadata acordou, tendo sabido toda a verdade, ficou-lhe tão grato, que lhe restituiu todo o seu reino e o casou com a sua filha. (4) «E agora, concluiu Buddha, se os reis, que empunham o sceptro e a espada, são susceptíveis de perdão e compaixão, também vós, ó monges, deveis deixar brilhar a vossa luz, para que sejais conhecidos como perdoadores e compassivos.» (5)

Como Christo também Buddha recomendou portanto o preceito *O dilligite inimicos vestros*, preceito que então era *mandatum novum* até para os judeus.

Sensualidade. — Lê-se na Escritura búddhica: «Buddha pronunciou estas palavras em presença dos *xarmanas* (religiosos): «Guardai vos de fixar a vista nas mulheres. Se vos encontrardes com elas, que seja como se tal coisa não succedesse. Guardai-vos de falar com mulheres; e quando falais com elas, vigiai com cuidado o vosso coração, para que a vossa conducta seja irrepreensível, lembrando-vos que sois *xarmanas* e que neste mundo corruto vós deveis ser semelhantes á flôr de nenúfar, que não se mancha no meio da água lamacenta.» (6)

Já vai longo este artigo, senão poderíamos transcrever mais algumas parábolas que oferecem analogia com as parábolas do sementeiro, do filho pródigo, do joven rico, etc., temas favoritos do Evangelho; e a analogia é flagrante até nas imagens e expressões que empregam os dois Reformadores, tais como: «Quem tem ouvidos de ouvir, ouça». «O sol luze para os bons e para os maus; a chuva derrama as suas águas para justos e injustos». «E' difficil abraçar a vida religiosa para quem nasce n'uma familia nobre e illustre; é porém facil quando se procede de pobre e baixa extracção». (7) «E' facil notar as faltas dos outros e é difficil notar as suas próprias; o homem é pronto para descobrir os defeitos alheios e encobrir os seus». (8)

(3) Amarás ao teu próximo como a ti mesmos. «Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem odio, e orai pelo que vos perseguem e caluniam». (S. MATEUS, v.) «E Jesus dizia: «Pai, perdoa-lhes (aos seus algozes) porque não sabem o que fazem» (S. LUCAS, xxiii).

(4) Quando o rei Saul andava em perseguição de David, seu genro, para o matar, succedeu entrar n'uma cova, onde este se achava escondido, sem o rei dar por isto. David, porém, podendo tirar-lhe a vida, limitou-se a cortar a orla do manto real, por não querer «estender a mão sobre o seu amo, o ungido do Senhor». E Saul, quando o soube, «chorou e disse a David: Tu és mais justo do que eu, porque tu só me tens feito bem e eu só te tenho feito mal». (REIS I, 15).

(5) «Vós sois a luz do mundo... Assim luza a vossa luz diante dos homens; que eles vejam as vossas boas obras.» (S. MATEUS v.)

(6) «Eu porém vos digo que todo o que olhar para uma mulher, cobijando-a, já no seu coração adulterou com ella.» (S. MATEUS v.)

(7) «E' mais facil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.» S. LUCAS xviii.

(8) «E porque vês tu uma aresta no olho do teu irmão, e não reparas na trave que tens no teu olho?» S. LUCAS vi.

Os bráhmanes eram tratados por Buddha, como os fariseus por Christo, chamando-os «cáfila de cegos». De que te serve, dizia a um brahmane, trazer cabelos desgrenhados e vestir peles de carneiro? O teu exterior é limpo, mas o interior está pódre! (9)

Quem quizesse seguir a Buddha, como apóstolo, tinha que abandonar os próprios pais, (10) motivo porque a sua palavra facilmente encontrava eco no peito dos infelizes, dos abandonados, a quem dizia: «Quero encher de alegrias to-

(9) «Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que parecem por fora formosos aos homens, e por dentro estão cheios de ossos de monstros e de toda a asquerosidade.» (S. MATEUS xxiii.)

(10) «Se alguém me quer seguir e não aborrece a seu pai e mãe e irmãos, e filhas e irmãos e ainda a sua mesma vida, não poder ser meu discipulo.» (S. LUCAS xiv)

dos os seres que sofrem; quero afirmar a bem-aventurança aos atribulados»; (11) e n'outro lugar: «Vós sois meus filhos e eu vosso pai, que vos libertou das vossas dôres».

Não entraremos aqui na apreciação da filosofia búddhica, que tem tido grandes admiradores e grandes depreciadores, desde Barthelemy Saint-Hilaire, que pensa que «o buddhismo comparado com o christianismo não é nada, ou, por melhor dizer, inspira horror», até Max Muller e, sobretudo, Schopenhauer, para quem o buddhismo é o *supra sumum* das religiões.

MARIANO SALDANHA.

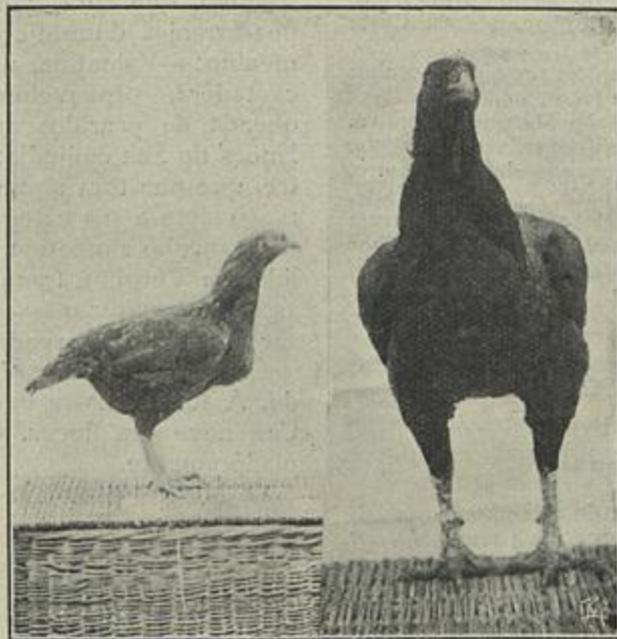
(11) «Bemaventurados os que choram: porque eles serão consolados.» (S. MATEUS v.) «Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados e eu vos aliviarei.» (Id. xi.)

EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA

Na Associação Central da Agricultura Portuguesa

Depois da exposição de avicultura, ainda ha pouco realisada no Palacio de Cristal do Porto, temos agora a registrar a que se realisou em Lisboa, promovida pela Associação Central de Agricultura Portuguesa, que assim vae empregando seus esforços para o desenvolvimento desta industria, como os tem empregado para o desenvolvimento da agricultura em geral.

Este certamen é bem digno de registrar-se, pelos progressos que de ano para ano vem apresentando, sendo a exposição de agora a melhor, não só na quanti-



GALINHA COMBATENTE INDIANA — 1.º premio

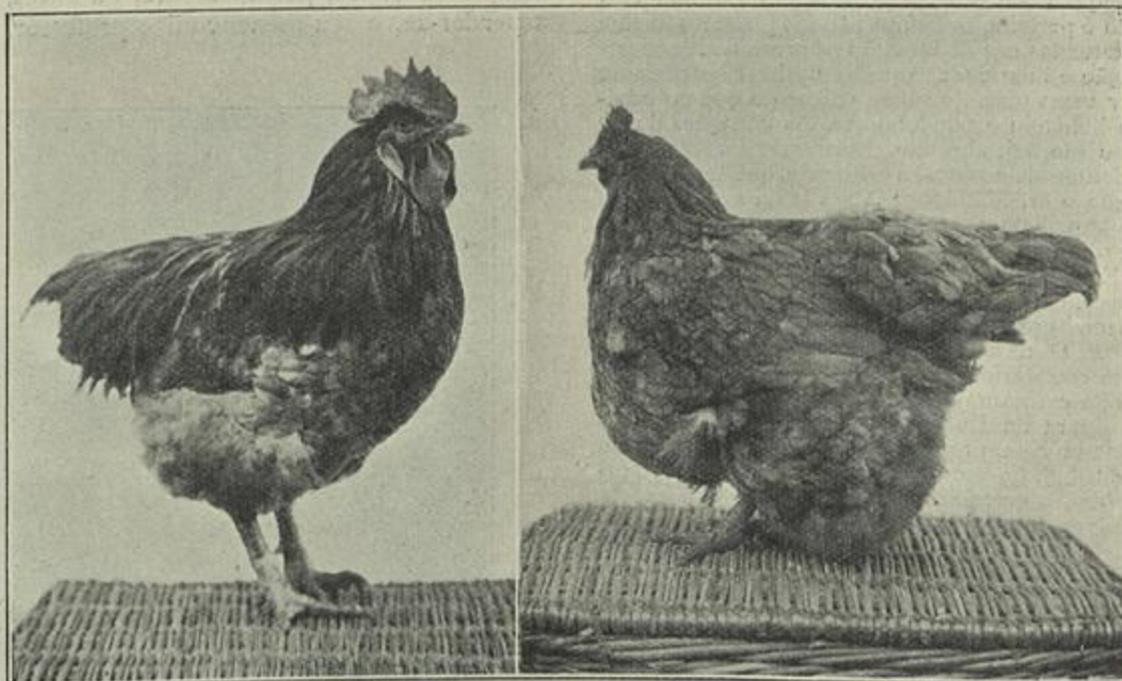
GALO COMBATENTE INDIANO — 1.º premio

Do expositor sr. Joaquim A. Monteiro

O sr. dr. Neves Rodrigues veio expressamente a Lisboa para fazer parte do juri, sendo-lhe oferecido um almoço no Restaurante Tavares, pela comissão organizadora da exposição.

Esta foi inaugurada no dia 2, pelo sr. ministro do fomento, que elogiou a bela organização deste certamen, de vido á competencia dos srs. Joaquim Monteiro, José Sacavem, José Casimiro Diniz e Fernando Pinto Viagas.

Muitos e belos exemplares se apresentaram e que obtiveram primeiros premios, distinguindo-se um galo Langehan, do



ORPINGTON AZUL — 1.º premio

ORPINGTON AZUL — 1.º premio

Do expositor sr. Joaquim A. Monteiro

dade como na variedade de aves, algumas de mais exotica aclimação.

Este resultado é devido a um maior numero de dedicados avicultores, em que occupa um dos primeiros lugares o sr. dr. Guilherme das Neves Rodrigues, do Porto, proprietario do Aviario Modelar da rua do Campo Lindo, a que esta revista se referiu em o n.º 1266.

sr. Valente Serrano, pombos mariolas *gris perle*, do sr. José Correia de Sousa, pombos *frisdos argente*, do sr. João Pires Diniz, e coelhos gigantes do sr. Grandela.

Mereceram também primeiros premios dois soberbos galos, *La Fleche*, da sr.ª D. Georgina Correia de Sousa, e *Orpington*, do sr. José Manuel.

O grande premio de honra, Taça de Honra de Columbideos, coube ao sr. José Correia de Sousa, que pela segunda vez é o seu detentor, o que prova quanto se tem dedicado ao apuramento de raças de columbideos de que apresenta lindos e variados exemplares.

O grande premio de honra de Galinaceus coube á sr.^a D. Georgina Carreira de Sousa.

Os premios pecuniarios oferecidos pelo governo, foram conferidos pelo jury aos seguintes expositores.

1.^o premio, 20\$ — Sr. José Carreira de Sousa.
2.^o premio, 15\$ — Sr. Fernando Augusto Pinto Viegas.

3.^o premio, 10\$ — D. Maria José Diniz Coelho.

4.^o premio, 10\$ — Sr. Eduardo Fernando Macieira Viegas.

5.^o premio, 10\$ — Sr. José Casimiro Diniz.

6.^o premio, 5\$ — Sr. João Pires Diniz.

7.^o premio, 5\$ — Sr. dr. José Faria Guimarães.

8.^o premio, 5\$ — Sr. Alfredo Bastos Baptista.

9.^o premio, 2\$50 — D. Maria Fernanda Macieira Viegas.

10.^o premio, 2\$50 — Sr. Emilio Kesseling.

11.^o premio, 2\$50 — Sr. Jayme do Carmo Diniz.

12.^o premio, 2\$50 — D. Fernanda da Costa Diniz.

Fôram conferidos mais dois premios a pombos mariolas, unica e distinta raça nacional:

1.^o premio, 6\$ — Sr. João Marques da Silva.

2.^o premio, 4\$ — Sr. Alfredo Bastos Baptista.

Além destes premios houve medalhas de ouro, prata e cobre, em quantidade, e objectos d'arte, para os numerosos expositores que concorreram a este certamen, inquestionavelmente o melhor deste genero que até agora se tem realizado, em Lisboa.

Pelos teatros

Gimnasio

Fez-se, na noite de 24 do mês passado, a primeira representação da peça, em 4 actos, *Marialvas*, de Vasco de Mendonça Alves. O elegante teatro de que é directora artistica a notavel actriz, Lucinda Simões, encontrou-se, á hora prefixa, pleno duma assistencia numerosa e distinta. Em verdade, ainda que o successo dos *Marialvas* não fosse tão ruidoso como o aplauso dispensado á peça do mesmo genero e mesmo autôr — *A Conspiradôra* — o que é certo é que ella continúa, por noites successivas, no cartaz, colhendo do publico uma consagração de entusiasmo, até certo ponto merecida. Pode dizer-se, a reconstituição da época não é perfeita, as figuras não são primorosamente estatuadas, os ridiculos não surpreendem de observação e hilaridade. Aqueles marialvas participam por vezes mais do ruído vulgar do que do fidalgo bohemio e pundonoroso. As situações do 2.^o acto são, em absoluto, insustentaveis. Acto infelicissimo demonstra, á evidencia, que nessa orientação o sr. Mendonça Alves falha menos de stro de expedientes e habilidades que um revisteiro de ultima categoria.

Entretanto, como não podia deixar de ser, reconhecemos no autôr meritos incontestaveis que o impõem, apesar de tudo, á consideração dos entendidos. O 1.^o acto é cuidadosamente delineado e bem entretido de episodios comicos. O 3.^o acto revela carinhosamente e notavelmente essa curiosa figura da Duquesa do Monte d'El-rei, interpretada com proficiencia por Lucinda Simões. Contribuiram em muito para o successo dos *Marialvas*, a correctissima encenação, e a exacta scenografia de José Mergulhão.

No desempenho, nem todas as figuras do elenco nos satisfizeram.

Colocamos, em destaque, Zulmira Ramos, Maria de Matos, Adelia Pereira, Alegrim, Mario Duarte, Pato Moniz e Alves da Cunha.

Livros-Novos

Manhã de neve — por Cacilda de Castro
Peça num acto em verso

Editada pela Livraria Brasileira, veiu a lume esta pequenina obra dramatica que teve já uma carinhosa consagração no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, onde

foi representada, em 1 de Junho de 1912, pela primeira vez. A autôr localisou a acção da sua peça num cômodo da Beira, perto da Serra da Estrella; não se esqueceu, porém, de dizer, em distico elucidativo, que ella foi inspirada dum conto da literatura slava. Na verdade, evoca, de longe, reminiscencias da paisagem russa. O fio subtil do enredo perde-se, vagamente, em bruma, num longe de esperança. A condição moral do mestre-escola emoldura a fisionomia dum *utchtel* de provincia.

Relemos com certo prazer este delicado trecho literario, lavrado de versos rutilos, tonalisado duma ancia generosa de vida.

D. Cacilda de Castro, que é uma poetisa correctissima, soube tocar de emoção esta narrativa ingenua.

No decurso da peça, apparecem-nos três figuras: — Mariana, criada velha, ama extremosa, que cura, com dedicação antiga, dos arranjos domesticos e scismas do seu menino; — Valentina, uma creaturinha encantadôra, provavelmente bonita, mosqueada de pruridos nubeis, talhada para lances de alta comedia; — e, emfim, o Mestre, que não tom nome proprio e consente com a sua categoria de protagonista, mancebo simpatico, fidalgo e bacharel, lido em Vergilio, fraco de rins, traste que as senhoras romanescas gostariam de trazer por casa para esporecimento dum mês...

O entrecho desenvolve-se na actualidade. A scena fixa-se numa aldeia da Serra. Cae neve em flocos. O vento zune arriadôramente.

O Mestre passeia a sua nostalgia pela aula deserta. Sente-se isolado. Necessita dum ambiente de caricia e amôr. Lembra-se da noiva... Quem sabe? Fugiu ao seu olhar tristonho — e longe, em breve, esquecê-lo-á. Mariana tenta, debalde, desanuvar de tristeza o seu espirito. Valentina entra furtivamente, com modos resolutos, de quem obedece a amôr. Mesmo assim creança e talvez por isso mesmo, ama, com efeito, perdidamente, ou antes, a perder-se, o seu menenconico professor.

Entanto, o Mestre trata-a com dasabrimto. Uma carta chega — a carta da noiva que faz com garridice uma despedida formal.

Não ha lagrimas, nem gestos.

Então, o mestre volta o olhar olhar claro, aureoleado de sorrisos, constelado de promessas, ternamente, gratamente, para a discipula cariciosa — e promete corresponder ao seu amôr.

Eis tudo...

Esta obra, recém-publicada, releva, mais nitidamente, os talentos de que é dotada D. Cacilda de Castro, e esperamos, com fé, ainda maiores motivos para a nossa admiração simpatica.

Correspondemos, em gratidão, á gentileza da oferta.

A. C.

SCIENCIA MODERNA

Patins aquaticos

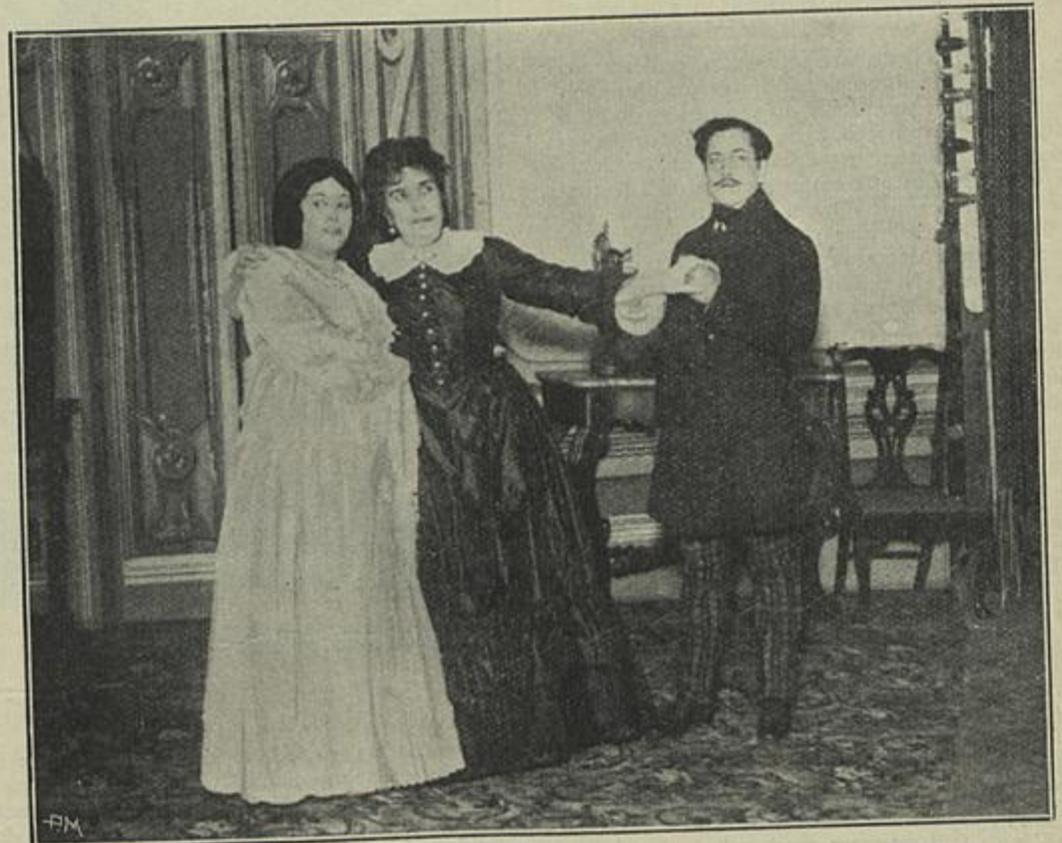
Varias tentativas, mas sem resultado, tem sido operadas, para permitir que o homem se desloque á superficie da agua. Parece, porém, que os patins aquaticos de sistema Starke, realismo o exito dessa tentativa, devido ao seu pequeno peso e dimensões, e de sua facil desmontagem e transporte. Por meio de um par de patins aquaticos, desliza-se suavemente na agua, como se fosse em terra.

Esses patins são de dimensões semelhantes aos *skis*, de forma cilindrica, terminando em pontas. Esses cilindros de cauchú são protegidos por um envolvero de lona impermeabilizada, e por meio de uma quilha, tornam-se estaveis.

A propulsão é obtida por meio de quatro especies de boias fixas, moveis num só sentido, abrindo se, quando a perna faz um movimento para traz, e fechando-se, no movimento oposto, permitindo assim que o patinador avance.

Os pés do patinador são seguros aos patins por meio de duas placas, e um movimento de alavanca auxilia a mobilidade.

Experiencias recentemente feitas, em presença do principe Henrique, em Hemmelmark deram otimos resultados, não só utilizados os patins como simples desporte, mas como applicações practicas, especialmente militares, aos quaes elles se prestam.



Adelia Pereira Lucinda Simões Alves da Cunha

TEATRO DO GINASIO — «MARIALVAS» — 4.^o ACTO



SOLDADOS ALEMÃES SERVINDO-SE DOS PATINS AQUATICOS

O MEXICO

Desde mezes está o riquissimo paiz do sul da America do norte, a ser teatro de lutas intestinas em que o sangue tem corrido e continúa a correr, sem que seja ainda permitido um juizo seguro ácerca do desenlace fraticida!

Os Estados Unidos, n'esta hora em que escrevo, já distenderam a aza dos seus estandartes militares sobre o territorio, de veras cobiçado por politicantes de vario matiz.

Quando ás presentes linhas fôr dada luz de publicidade, Huerta, permanecerá com vida? terá sido apresionado por alguém? manter-se-ha no poder, e cheio de risinha esperança no futuro?

Perguntas são estas, naturalissimas, na conjuntura presente, mas cuja resposta escapa a todas as previsões humanas, visto só caber ao dia de amanhã, aos veus do porvir!

Triste coisa, o registo, em pleno seculo vinte, de cenarios que não se coadunam por lado algum com a missão de Haia, não filiada em intuitos guerreiros e absorventes, mas apenas dirigida aos conceitos de paz, ás normas categoricas do Direito!!!

Direito! — o que és, o que deves significar para a letra expressa das legislações dos povos cultos e perante o tribunal das consciencias?!

Longe fica dos labios o oculto pensamento que as palavras não revelam e nas quaes, entretanto, as multidões tantas vezes se deixam embalar!

E' facto sintomatico, angustioso documento de loucura e de malevola paixão ambiciosa, febril ardencia que nem sempre a vitória modifica!

De remota data, se exhibe no Mexico tão tremendo espetáculo; e, em boa verdade, talvez não fôra por agora tempo acomodado a melhor feitio, a superior orientação.

O Mexico foi colonia da nação peninsular, nossa vizinha, e, por ahi, longamente denominado Nova Espanha.

Pelo N. e N. E. confina com os Estados Unidos, pelo E. com o golfo do seu nome e pelo O. com o Grande oceano.

Abrange um comprimento de tres mil kil. aproximadamente, de N. O. a S. E., sendo a sua maxima largura a N. e a minima a S., definida por cento e oitenta kil. na altura do istmo de Teúantepec.

A superficie orça por 1.973.000 kil.

quadrados, na latitude media do 23^o grau N., tropico de Cancer.

E' muito acidentado e montanhoso o solo mexicano, em que os rios não abundam e aonde as altitudes atingem 4:000, 5:300 e 5:400 metros acima do nivel do mar.

Devo citar o pico e cratera do Orizaba, 5:300 m. d'alt. e o Rio Grande do Norte, com um curso de 2:700 kil.

A respeito de outro volcão lá existente, o de Jorulo, parece-me curiosa e interessante a seguinte noticia, ministrada por Cortambert (*Cours de Géographie*) que tomo a liberdade de reproduzir no texto original para evitar qualquer alteração:

«Le volcan de Jorullo se trouve dans la partie méridionale du pays: il sortit subitement de terre en 1759, au milieu d'une plaine agréable et fertile, où il a porté la désolation et la stérilité; d'énormes quartiers de rochers furent lancés au milieu des flammes, des jets de boue s'élevèrent à une hauteur prodigieuse, et les toits des maisons de Queretaro, ville située à environ 200 kilomètres de là, furent couverts de cendres.»

A N. das planuras mexicanas alarga-se um extenso deserto, conhecido pela designação de Bolson de Mapimi.

Não é escasso de minério e de metaes o Mexico, em geral sêco.

«On cite encore à Durango, au Mexique, un gisement où l'étain est en société de la topaze et d'un arséniofluorure appelé durangite.» (A. de Lapparent — *Traité de Géologie.*)

Tenho diante de mim um belo quadro de impressões do Mexico, devido á pena de um nosso falecido compatriota, então em desempenho de serviço publico (*Missão do Visconde de San Januario nas Republicas da America do Sul — 1878 e 1879*). Vou aqui inseril-o, com a devida venia dos leitores:

«No dia 21 (outubro de 1879) desembarcava em Vera Cruz, porto principal do Mexico no golfo do mesmo nome. A cidade de Vera Cruz tem uma população de 10:000 almas, ostenta boas edificações e entretém bastante commercio. Posto que o seu clima seja muito insalubre, e seja ahi endemico o vomito negro, que é o terror do viajante n'estas regiões, não se

davam casos fataes n'esta epocha do anno, e era agradável a sua temperatura.

Pela noite do mesmo dia 21 parti para a cidade do Mexico, pelo notavel e audacioso caminho de ferro, que, percorrendo a distancia de 85 leguas (de 5 kilometros), liga a capital da republica com Vera Cruz. O transito faz-se em dezenove horas com pequenas demoras em varias estações, e principalmente em Orizaba.

A linha está muito bem assente, os wagons são excellentes, os preços modicos e o serviço é tão regular e methodico como nas principaes linhas da Europa.

O territorio que esta linha percorre desde o nivel do mar até á altura de 2:280 metros no valle do Mexico é admiravel pela sua caprichosa formação, aonde predominam as rochas porphyricas, pela prodigiosa vegetação que cobre todos os seus accidentes, pela sua variadissima e vistosa flora, e pelos sumptuosos panoramas que successivamente se vão desenrolando perante a vista deslumbrada do viajante, principalmente nas alturas que dominam com frequencia profundos abysmos e extensos e risonhos valles.

A experiencia tem demonstrado que á altura aonde começa a apparecer o carvalho jámais chega o vomito negro, tão temido nas zonas inferiores do golfo.

Ao anoitecer do dia 22 de outubro chegava aos lagos que precedem a capital, e pouco depois entrava n'esta cidade, seguramente a mais importante de todas as republicas hispano-americanas.

A cidade do Mexico, capital dos estados unidos mexicanos, conta 225:000 habitantes, e possui excellentes predios solidamente construidos de cantaria, não figurando entre elles nenhum dos que foram edificados pelos antigos astecas, ou mexicanos dos tempos dos Montesumas; porquanto os poucos que escaparam á destruição ordenada por Fernão Cortez para entrar a cidade, tenazmente defendida em 1521, foram subsequentemente substituidos, durante o primeiro periodo da dominação hespanhola. Está situada n'um formoso e extenso vallê a 2:280 metros de altitude, e é cercada ao longe por collinas, entre as quaes se levantam altivos os picos de Poppocaltepetl e de Ixtacihuatl, perpetuamente cobertos de neve.

O seu clima é temperado e saudavel.»

Merecem ponderação estes dados estatísticos, fornecidos pelo citado autôr, no mesmo volume:

«Nos quinze annos decorridos desde 1851 a 1875 extrahiram-se de suas minas 8:927 kilogrammas de ouro;...

«Na producção de prata occupa, porém, o Mexico, o primeiro lugar, pois que no mesmo periodo produziu 2.509:600 kilogrammas d'este metal...»

De 1879 para cá, é indubitavel o progresso crescente do paiz, sob todos os aspectos e o aumento da população, n'aquelle ano fixado na cifra de 9.689:461 individuos.

Politicamente, não haverá por ventura nenhum cenario comparavel ao do Mexico.

Do seu berço originario, fala esta passagem de expressiva sintese, do aludido San Januario:

«Saindo das nevoas da historia antiga, incerta, vaga, e talvez fabulosa, deparámos com os *toltecas*, de quem os primeiros missionarios hespanhoes recolheram mais precisamente a historia nas tradições dos povos que encontraram, nas pinturas e nos geoglíficos, que esses povos traçavam em pelles e no papel de maguey, e d'onde parece deduzir-se que aos 600 annos da era christã vieram esses *toltecas* de longes terras fixar-se n'esta região. Durante o largo periodo que aqui se demoraram, infere-se das tradições, que tiveram nove reis, e que andaram sempre em guerra, já entre si, já com outros povos, até que desapareceram pelo effeito das mesmas guerras, pela fome e pelas pestes. Vieram depois os barbaros *chichimecas*, e quasi contemporaneamente os *michoacans*, *sapo-tecas*, *acoluhas* e *atomites*; os *tlaxalals* que começaram por ser governados por caciques, e á chegada dos hespanhoes já constituíam uma republica governada por um senado de anciãos; os *cholulas*, outra republica governada por sacerdotes, e as tres monarchias de *Tlacopan*, *Texoco* e os *astecas* constituídos em imperio mexicano sob os *Montezumas*.

Estes povos sanguinarios, entreteendo continuas guerras, e fazendo repetidos sacrificios humanos, foram se destruindo uns aos outros, até que as ul-

timas monarchias ou senhorios, já independentes, já sujeitos ao imperio do Mexico, que subsistiam no principio do seculo XVI,

coisas. — *Epicteto*.

A vaidade nas mulheres torna a mocidade criminosa, e a velhice ridicula. — *Mad. de Flahant*.



MORRO DO «CÃO GRANDE» NA ILHA DE S. THOMÉ
(De photographia do sr. Artur Rodrigues, cliché da «Mala da Europa»)

foram destruídos pela conquista de Fernando Cortez.»

Este famoso espanhol que, em 1519, entrou em Vera Cruz e no dia 13 d'agosto de 1521, tomou por assalto a capital mexicana, firmou a posse da sua nação com o sangue de mais de cem mil homens e o arrasamento de numerosas povoações.

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Publicações

Revista Colonial. — Propriedade da Agencia Colonial L. da Lisboa. Sob a direcção superior do sr. Dr. Sousa Ribeiro, vem esta revista publicando-se desde o ano passado, como uma excelente colaboração sobre assuntos colonias, sendo, sem duvida, a melhor que, neste genero, tem apparecido em nosso paiz.

O n.º 16 desta revista, que temos presente, confirma plenamente o que acima disémos, pela variedade de seus artigos, sobre: *O milão de Cacao em S. Tomé e Príncipe*; *Obras publicas (Moçambique)*; *Caminhos de ferro de Gaça*; *Comercio, Industria e Finanças*; *Legislação e Despachos*, etc., etc., o que a torna altamente interessante.

PENSAMENTOS

O que se escraviza aos homens, primeiro se escravizou ás

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Casa de Paris

— Rua d'Assunção, 56-LISBOA —

Grande e variado sortimento de brinquedos, quinquerias e artigos proprios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho ♦ Preço fixo

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenaes dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

CAPA 800 RÉIS

Capa e encadernação 1\$200 réis

Ha volumes encadernados
— para quem —
— quizer completar —
— a coleção —